

Compromisso social e a atualidade do legado de Paulo Freire

Sheila Ceccon¹

Dou início a esse artigo propondo, e fazendo a mim mesma, duas perguntas. A primeira: *Qual a responsabilidade dos processos educativos praticados ao longo da história, para que a sociedade seja essa, a que vivemos hoje?* E ainda: *As nossas práticas pedagógicas cotidianas, estão contribuindo para a perpetuação ou para a transformação da realidade atual?*

Responder a essas perguntas implica assumir posições, explicitar princípios políticos e pedagógicos, refletir sobre o sentido do nosso fazer educativo. E, vale destacar, as diferentes posições assumidas têm a ver com o lugar de onde falamos, com “o chão onde pisamos”, com o lugar em que nos posicionamos para mirar a mesma realidade. Realidade feita de conflitos, como escreveu Paulo Freire sobre o Brasil da década de 1990:

Minha terra é a coexistência dramática de tempos díspares, confundindo-se no mesmo espaço geográfico – atraso, miséria, pobreza, fome, tradicionalismo, consciência mágica, autoritarismo, democracia, modernidade e pós-modernidade. O professor que na universidade discute a educação e a pós-modernidade é o mesmo que convive com a dura realidade de dezenas de milhões de homens e de mulheres que morrem de fome (Freire, 1995, p.26).

Paulo Freire foi um educador que vivenciou profundamente essas contradições e manteve-se fiel aos princípios de uma educação libertadora, fiel aos seus sonhos de transformação do mundo. Nunca se resignou à realidade, não a aceitou como algo dado. Pelo contrário, defendeu a busca do inédito viável, do sonho possível que jamais pode desaparecer da linha

¹ Engenheira agrônoma, especialista em Horticultura pela Universidade de Pisa-Itália, mestre em Ensino e História de Ciências da Terra, pelo Instituto de Geociências da UNICAMP. Atua na área de meio ambiente e educação. No Instituto Paulo Freire, desde março de 2010, coordena a UniFreire, é responsável pela dimensão socioambiental de projetos e assessorias e representa a instituição no Movimento de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL) e nos Conselhos Internacionais do Fórum Social Mundial e do Fórum Mundial de Educação.

do horizonte. Para Paulo Freire a história está sempre encharcada de possibilidades. São as ações humanas que fazem a história e a permanente incompletude dos seres humanos são a base para a busca constante por “ser mais”.

Uma educação que constrói a compreensão de que a realidade pode ser outra, de que o mundo pode ser melhor, de que a história não é algo dado, mas construído por cada um de nós, cotidianamente, e que estamos e estaremos todos e todas em permanente processo de formação, é uma educação transformadora, libertadora. Que “anima”, dá alma à caminhada.

Entretanto, vivemos tempos onde o pensamento utópico vem perdendo espaço. Onde o fatalismo vem se sobrepondo aos sonhos. As necessidades imediatas do cotidiano teimam em tentar sufocar a busca por alternativas, em ofuscar a visão, reduzir esperanças. Tendemos a seguir as orientações e os projetos político pedagógicos que nos são apresentados evitando maiores questionamentos. Muitas vezes, poupamos a energia que seria dispensada em enfrentamentos e acabamos permitindo que ela seja sugada por nossas frustrações. Precisamos recuperar nossos sonhos de um mundo melhor, mais justo, mais feliz. Da mesma forma, precisamos conhecer os sujeitos com os quais compartilhamos o processo de ensino-aprendizagem. Em geral, concordamos com a afirmação de que os currículos devem dialogar com os/as estudantes e seus mundos, suas realidades.

Mas, sabemos quais os sonhos dos/as estudantes com os/as quais convivemos? Quais saberes trazem consigo? Qual sua cultura, sua história? Em que mundo gostariam de viver e como se dispõem a construí-lo? Responder a essas questões exige o olhar sensível e a escuta atenta. Cada um/a traz em si um mundo de possibilidades de abordagem de conteúdos impregnados de sentido, um mundo de possibilidades de práticas educativas provocadoras da curiosidade, despertadoras do interesse por conhecimentos e desafios, por engajamento.

Paulo Freire escreveu que “ninguém chega a parte alguma só”, trazemos junto conosco nossa história:

“Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas de infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido

diante de nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase provavelmente já olvidada por quem disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado” (Freire, 2011, p.45)

Uma educação comprometida com a formação de pessoas éticas, críticas, criativas e participativas, engajadas na construção de uma sociedade mais justa e mais responsável social e ambientalmente, não pode deixar de matricular nas escolas, junto com os/as estudantes, suas histórias, suas culturas, suas memórias e seus sonhos. Nesse sentido, os conteúdos curriculares precisam partir da realidade concreta dos sujeitos com quem estamos compartilhando a experiência educativa. Mas não basta apenas constatar os fatos, é preciso abordá-los criticamente, problematizá-los. É preciso partir da realidade, considerá-la, compreendê-la e construir possibilidades de incidência coletiva no sentido de torná-la melhor.

Paulo Freire nos fez compreender que a primeira aproximação que fazemos com o mundo é espontânea, não crítica, se dá numa perspectiva ingênua. Estar conscientizado, entretanto, implica que essa esfera espontânea de apreensão da realidade dê lugar a uma apreensão crítica. Quanto mais nos conscientizamos mais vamos desvelando a realidade, vamos analisando-a, descobrindo nuances percebidos a partir de nossos próprios valores, experiências e repertório. Pouco a pouco, passo a passo, começamos a olhar mais autonomamente para o mundo, não mais ingenuamente, não mais sobre outras “lentes”. A conscientização não se dá sem que exista um processo autêntico de ação e reflexão. Conscientização tem a ver com engajamento histórico. Em um seminário realizado na Itália, em 1970, Paulo Freire disse que por ser uma forma de inserção crítica na história, a conscientização implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Ela exige que os homens criem a própria existência com o material que a vida lhes oferece. (Seminário de Paulo Freire sobre “A conscientização e a alfabetização de adultos”, Roma, 17 a 19 de abril de 1970)

Não são poucas as experiências educativas já registradas que nos levam a repensar os lugares e os tempos de ensinar e aprender, assim como o sentido dos currículos, tanto os explícitos

como os ocultos. Muitas escolas foram transformadas porque decidiram que a realidade da comunidade seria o ponto de partida e o ponto de chegada da sua ação educativa. Nesse processo, ampliaram olhares, descobriram lugares e tempos onde crianças e jovens aprendem e ensinam. Partiram do território onde as escolas estavam inseridas, buscando conhecê-lo, e “chegaram” a ele no sentido de contribuir para a sua transformação.

Entretanto, mundo a fora, vivemos um movimento no sentido oposto. Prega-se o acúmulo de informações previamente selecionadas para atingir objetivos sempre no horizonte. Estuda-se para conquistar transformações futuras, em geral numa perspectiva individualista, enquanto a vida e a sociedade atuais permanecem num “mundo a parte”. Não há intenção de que o conhecimento construído na escola incida na realidade vivida pelos/as estudantes. Escola e vida seguem caminhos paralelos.

Mas quem decide o que “entra” ou não nos currículos?

E qual a intencionalidade política dessas decisões, dessas escolhas?

Muitas vezes a ausência de compromisso social observada nos currículos reveste-se da argumentação de que escola não é lugar de política. Nesse sentido, é pertinente recuperar um trecho de Paulo Freire no livro *Pedagogia da Esperança*:

“Não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade”. (Freire, 2011, p.108)

Não há como dissociar educação e política. Os conteúdos curriculares, de todas as áreas de conhecimento, não podem seguir sendo apresentados como se seu sentido se encerrasse em si mesmos. Educar é mais do que isso. Nosso compromisso com a formação das crianças, jovens e adultos com os/as quais convivemos cotidianamente pode ser bem maior. Sabemos disso,

mas nem sempre agimos coerentemente com o que pensamos. A coerência é e será sempre um imenso desafio.

Voltando às perguntas que deram início a este texto, entendo ser inegável o papel desempenhado pela educação na manutenção ou na transformação das sociedades. Podemos decidir seguir em frente, anestesiados pelo dia a dia, alheios a isso. Mas também podemos rever nosso fazer educativo e identificar possibilidades de transformá-lo.

Concluo com Paulo Freire quando afirmou que:

“O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga. Há risco de influenciar alunos? Não é possível viver, muito menos existir, sem riscos. O fundamental é nos prepararmos para corrê-los bem”. (Freire, 2011, p.109)

Referências:

- Boff, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Freire, P. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- Freire, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Freire, P. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- Freire, P. *Conscientização*. São Paulo: Cortez, 2016.
- Gadotti, M. e Carnoy, M. Organizadores. *Reinventando Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire e Stanford Graduate School, 2018.
- Gadotti, M. *A Escola dos meus sonhos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

Para saber mais:

Educación Popular para reinventar la democracia:

<http://www.ceaal.org/v2/archivos/publicaciones/booksceaal/alem533w.pdf>

Diccionario Paulo Freire:

<http://www.ceaal.org/v2/archivos/publicaciones/booksceaal/DiccionarioPauloFreireWEB.pdf>

La Piragua: <http://www.ceaal.org/v2/cpub.php?publica=0>

La Carta Del CEAAL: <http://www.ceaal.org/v2/cpub.php?publica=5>